

PAISAGENS, REGIÕES E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

ORLANDO RIBEIRO

NOTA INTRODUTÓRIA por CARLOS ALBERTO MEDEIROS ¹

Bem se pode afirmar que a paisagem está na moda; melhor dizendo, voltou a estar na moda. Reflecte-se sobre o interesse da sua análise como ponto de partida e fio condutor de investigações geográficas nos mais variados domínios, chama-se a atenção para o seu valor estético, a sua dinâmica e fragilidade, para a urgência de promover a sua «protecção» em vastas áreas, procura determinar-se de que formas pode sustentar ou desencadear actividades turísticas (e, por esta via, é até possível atribuir «níveis de classificação» ou mesmo «preços» às paisagens), discute-se sobre as características objectivas ou subjectivas de que se reveste, ou seja, sobre a realidade concreta que constitui, ou as diferentes formas como é apreendida por aqueles que a observam.

E, no entanto, esta renovada curiosidade pela paisagem não nos pode levar a esquecer que o seu estudo é tão antigo como a própria geografia. Desde sempre, ela esteve ligada à prática desta ciência; uma das mais penetrantes e, ao mesmo tempo, mais simples definições de geografia que se ensinavam nos meus primeiros tempos de estudante universitário era a de «descrição e interpretação das paisagens da superfície terrestre». Decerto que muitas paisagens foram vislumbradas segundo outras perspectivas, deram origem a obras de arte, serviram de chamariz para o povoamento ou a frequentação de determinados territórios. Mas a verdade é que qualquer pesquisa geográfica tem como pano de fundo, mais ou menos directamente, esse ambiente visível que nos rodeia ou sobre o qual recai a nossa atenção: mesmo quando se estudam factos como comportamentos políticos e sociais, inovações de diversa ordem e variáveis demográficas, será raro que os resultados apurados não tenham incidência ou qualquer forma de relação com a paisagem do território a que se reportam.

Tema de estudo eminentemente geográfico, a paisagem deve ser entendida, segundo penso, como um facto concreto, real. Independentemente do significado que lhe é atribuído, ela está lá: um amontoado de casas nalguma periferia de

¹ Professor Catedrático da Universidade de Lisboa e Investigador do Centro de Estudos Geográficos. E-mail: carlosmede@hotmail.com

residências pobres de uma grande cidade, uma ampla extensão desértica, uma justaposição de campos parcelados e intensivamente aproveitados. É claro que nem todos verão estas paisagens da mesma forma: no primeiro caso, por exemplo, haverá quem se interesse mais pelas vias que se surpreendem entre as habitações, pelo trânsito que nelas ocorre, pelos espaços vazios, mais ou menos aparentes, que subsistem, pelas unidades de comércio que sobressaem no conjunto. Mas a realidade continua a ser a mesma, ainda que vista de diferentes maneiras – o que, aliás, só enriquece a sua análise. Retomando uma observação de Roger Brunet, poderá dizer-se que os empresários turísticos «inventam todos os dias paisagens novas», na medida em que põem em evidência determinados traços mais aliciantes que, com os tempos e os objectivos, vão mudando. Do mesmo modo, os geógrafos, ao passo que se acentua a sua especialização, vão tomando como objecto de estudo parcelas mais ou menos circunscritas do conjunto complexo de fenómenos sobre que se debruçam – o que não põe em causa a autenticidade desse conjunto.

Perante um tema tão permanentemente actual, a paisagem, pareceu-me que haveria o maior interesse em reproduzir neste número da Finisterra um testemunho do Mestre incontestado dos geógrafos portugueses, Orlando Ribeiro. O texto que adiante se apresenta foi primeiramente publicado em versão francesa nos Scritti Geografici in Onore di Aldo Sestini (Florença 1982) e depois reproduzido integralmente nos Opúsculos Geográficos, vol. I, Lisboa 1989, p. 337-352. Encarregar-me da sua tradução foi ao mesmo tempo uma satisfação e um desafio. Não é fácil preservar o apurado estilo literário do autor. Consciente embora das carências da minha tarefa, e mesmo tendo em conta que a versão inicial continua insubstituível, pensei que esta seria a melhor forma de ter presente connosco Orlando Ribeiro no debate desta matéria. Eliminei do texto (e disso assumo a responsabilidade) algumas passagens, designadamente as de circunstância, ligadas à finalidade inicial com que foi escrito. As partes não incluídas nesta versão aparecem devidamente assinaladas (...). Pelo mesmo motivo, foi encurtada a numeração das divisões do artigo.

Na vasta obra de Orlando Ribeiro, outras escolhas seriam evidentemente possíveis, quanto ao tema em causa. Esta é apenas uma delas: texto ainda recente, creio que dá bem conta do pensamento do autor, com clareza e profundidade, como só ele sabia fazer.

C. A. M.

Estas três expressões, paisagens, regiões e organização do espaço, foram retiradas do vocabulário corrente pelos geógrafos, que as transformaram em conceitos nem sempre claros e, o que é ainda mais grave, atribuíram por vezes a mesma designação a coisas distintas, que não se deveriam confundir. Por isso mesmo, junta-se-lhes com frequência o qualificativo de «geográficas», para as distinguir de palavras de uso corrente. No quadro da nossa ciência, parece indispensável precisar o seu sentido, mas torna-se supérfluo acrescentar-lhes qualquer adjectivo.

1. Uma *paisagem* é um espaço acessível à observação. Esta processa-se hoje por meios que se têm multiplicado: subir ao cimo de um monte ou de uma torre, desenhar, fotografar no solo ou de avião, observar o relevo em estereoscopia, elaborar mapas por fotogrametria, perscrutar, a partir de um satélite, grandes faixas do Globo ou mesmo o conjunto de um hemisfério.

Qualquer paisagem apresenta, para além dos factos visíveis, a marca de muitos outros factos, de diferentes categorias, que influenciam e explicam os primeiros: desde o estado variável da atmosfera, que hoje se pode observar por satélite, até à produção e circulação dos produtos comerciais, em consequência de decisões políticas e económicas, mas que acabam por se inscrever no solo; a circulação das ideias, particularmente imponderável, mas que modifica gestos e hábitos, vislumbra-se também na paisagem modificando o comportamento das populações.

Tomar-se-á o exemplo da emigração portuguesa que, antes da primeira guerra mundial, se dirigia sobretudo para o Brasil, e que se orientou, nos anos que se seguiram à segunda, tal como a de outros povos mediterrâneos, para a Europa média à qual estes prestaram o inestimável serviço de contribuir para a subida do seu nível de vida, encarregando-se de humildes tarefas recusadas pelos seus habitantes. A acumulação dos emigrantes na coberta dos paquetes, as multidões que esperam nas estações de comboios e nos aeroportos constituem decerto factos visíveis, mas que são determinados por grandes opções políticas e económicas, sobre as quais o geógrafo raramente é consultado e ainda menos ouvido.

Pelo contrário, é ele que observa os efeitos da emigração na paisagem, a proliferação de casas com estilo aparatoso e por vezes ridículo, muito diferentes das casas tradicionais, que se deixam em ruínas ou que são transformadas, já que o baixo preço do cimento e do tijolo conduziu ao abandono quase completo da construção de pedra. As inúmeras «casas dos Franceses» substituem hoje as antigas «casas dos Brasileiros», construídas pelo pequeno número dos que haviam feito fortuna.

Humboldt tinha já observado que a vegetação, variando em função da latitude e dos grandes conjuntos continentais, é o elemento da paisagem que melhor permite situar um lugar na superfície do Globo. Vidal de La Blache notou que é ela que emerge primeiro na evocação de uma paisagem escondida na memória. Se o relevo constitui como que o esqueleto das paisagens, está sempre revestido, salvo em clima desértico, pelo ornamento de associações vegetais desigualmente poupadas ou transformadas pelo homem ou mesmo completamente renovadas pela utilização das diversas técnicas agrárias. Abordar o estudo da paisagem pelo dos seus elementos que resulta das interferências mais complexas, ideia que alguns geógrafos fizeram recentemente ressurgir, remonta, em suma, aos grandes iniciadores da Geografia.

Quando J. Brunhes pretendeu estabelecer os «princípios e exemplos» de uma *Geografia Humana* (1911), apoiou-se na marca que as obras humanas – construtivas e destrutivas – imprimem no solo. Para ele, uma região definia-se

antes de mais nada pelo tipo de paisagem que apresenta para observação, com os seus factos visíveis de formas bem distintas e uma ambiência, que vai do clima até aos regimes de exploração económica, ambiência nem sempre directamente observável, mas que se traduz pela cobertura vegetal e as culturas, o parcelamento da área agrícola, os caminhos... e muitos outros factos susceptíveis de observação; a dominante pode ser natural ou humana, como se verá adiante.

2. A palavra *paisagem* serviu para descrever e classificar territórios marcados pela tonalidade comum de factos físicos e humanos que se relacionam muitas vezes entre si. Max Sorre definiu «a região geográfica como a extensão de determinado tipo de paisagem», paisagens simples e monótonas como as planuras cerealíferas de amplos horizontes, ponteadas de longe em longe por grandes aldeias e pequenas cidades, paisagens complexas e fragmentadas da Europa atlântica ao Norte do Mondego, com os seus campos emaranhados, separados por sebes ou pequenos muros e ocupados por rápidas rotações agrícolas, semeados de casas isoladas e de casais, fervilhando de vida e de trabalho.

A designação de *paisagem* foi, durante algum tempo, utilizada aproximadamente no sentido de *região*, como no alemão em que a palavra *Landschaft* deu *Landschaftskunde*, no sentido de *Länderkunde* (Geografia regional). Em 1925, C. O. Sauer escreveu o seu famoso ensaio «The Morphology of Landscape» que teve grande repercussão na América. Em 1927, D. W. Johnson reunia uma série de «conferências feitas em doze universidades francesas na qualidade de professor visitante» sob o título de *Paysages et problèmes géographiques de la Terre américaine* (Paris, 1927); como discípulo e sucessor de W. M. Davis, trata aí sobretudo aspectos geomorfológicos ou «fisiográficos», mas sem nunca perder de vista as obras humanas.

Antes da segunda guerra mundial, examinava-se e reexaminava-se a noção de «paisagem geográfica», à qual o Congresso Internacional de Geografia de Amesterdão (1938) consagrou inteiramente uma secção, anexada mais tarde à da «metodologia das divisões geográficas». Três questões estavam na ordem do dia, e colocavam a tónica no elemento humano da paisagem, mais matizado e difícil de definir que o elemento natural:

- a) «O conceito de paisagem na Geografia humana»; o preâmbulo enumerava alguns problemas: Pode-se «distinguir claramente a ‘paisagem natural’ e a ‘paisagem humana’? A partir de que nível de civilização os elementos sociais e os elementos económicos se tornam decisivos no essencial da paisagem? Os princípios para distinguir paisagens humanas de primeira ordem são diferentes dos que impõem uma subdivisão?»
- b) «O estudo analítico da estrutura da paisagem como base da utilização do solo para o povoamento, a agricultura e a indústria». Esta questão esforçava-se já por evidenciar os princípios de intervenção dos geógrafos no que se chamará depois da guerra o «ordenamento do terri-

tório», questão longamente debatida no decurso dos Congressos seguintes que se orientarão sempre mais para a Geografia «aplicada», «activa» ou «voluntária», como a chamarão sucessiva ou simultaneamente numerosos geógrafos.

- c) «Quais são na civilização moderna os princípios nos quais se deve basear a conservação das belezas da paisagem?» Há uma convergência plena com as preocupações actuais quanto ao «quadro de vida», o equilíbrio ecológico, a preservação de espaços naturais ou rurais tranquilos e salubres num mundo enredado nas malhas da indústria e da circulação, produtoras de ruído e de poluição.

No conjunto das 32 comunicações apresentadas, houve 15 em alemão e 8 em francês. H. Lautensach, já considerado como o «maître à penser» da Geografia regional alemã, enunciava com vigor os princípios que iria desenvolver mais tarde: «A Geografia é a ciência das características individuais dos diversos espaços terrestres e marítimos que formam a totalidade da superfície terrestre».

Geografia e Corografia, já claramente diferenciadas por Estrabão e Ptolomeu, opõem-se menos do que se articulam. Qualquer fragmento individualizado da superfície da Terra, isto é, qualquer paisagem, participa na organização de conjunto do Globo. Como afirmou Vidal de La Blache, o mestre mais penetrante da geografia regional, qualquer investigação em Geografia procura «eivar-se à noção de factos gerais ligados ao organismo terrestre». C. Ritter desenvolvia já fortemente a ideia de que a situação mundial (*Weltstellung*) é o traço fundamental da identificação de um espaço. É sempre proveitoso retemperarmos-nos na água destas fontes juvenis.

3. Humboldt exprime no seu *Cosmos. Ensaio de uma descrição física do Mundo*, cujo tomo I foi publicado em alemão em 1845, em francês no ano seguinte, a sua crença profunda na «harmonia interna do nosso mundo».

«A natureza, considerada racionalmente, isto é, submetida no seu conjunto ao trabalho da reflexão, é a unidade na diversidade dos fenómenos, a harmonia entre as coisas diferentemente criadas, na sua forma, na sua constituição própria, nas forças que as animam; é o *Todo* penetrado por um sopro de vida. O resultado mais importante de um estudo racional da natureza é o de discernir a unidade e a harmonia nesse imenso agregado de coisas e de forças, abranger com um mesmo ímpeto o que é devido às descobertas de séculos passados e às do tempo em que vivemos, analisar o detalhe dos fenómenos sem sucumbir sob a sua massa. Nesta via, o homem, mostrando-se digno do seu elevado destino, assume o dom de compreender a natureza, de desvendar alguns dos seus segredos, de submeter aos esforços da reflexão, às conquistas da inteligência, o que foi recolhido pela observação.» [...]

«A simples acumulação de observações de pormenor sem relação entre si, sem generalização de ideias pôde conduzir sem dúvida a um preconceito

inveterado, à persuasão de que o estudo das ciências exactas deve necessariamente esfriar o sentimento e diminuir os nobres prazeres da contemplação da natureza. Aqueles que, no tempo em que vivemos, no meio dos progressos de todos os ramos dos nossos conhecimentos, alimentam ainda tal erro, desconhecem o preço de qualquer extensão da esfera intelectual, o preço desta arte de dissimular, por assim dizer, o detalhe dos factos isolados, para se elevar a resultados gerais.» [...]

«A descoberta de cada lei da natureza conduz a uma outra lei mais geral, pelo menos faz pressentir a sua existência ao observador inteligente. A natureza, como a definiu um célebre fisiologista, e como a própria palavra o indica entre os Gregos e os Romanos, é o que cresce e se desenvolve constantemente, o que só tem vida por uma mudança contínua de forma e de movimento interior.» [...]

«No meio das riquezas da natureza e desta acumulação crescente das observações, o homem é penetrado pela convicção íntima de que à superfície e nas entranhas da terra, nas profundidades do mar e nas dos céus, mesmo depois de milhares de anos, 'não faltará espaço para os conquistadores da ciência'. O lamento de Alexandre não poderia aplicar-se aos progressos da observação e da inteligência».

Contemplando a planície da Alsácia do alto da catedral de Estrasburgo, Goethe tinha já dito que a Natureza «é uma melodia que esconde uma harmonia profunda», claro pensamento de sábio, tornado mais rico pelo vigor e pela beleza do estilo. A noção das «harmonias naturais» e da concordância dos factos humanos com elas vai reencontrar-se a cada passo, na esteira de C. Ritter e de E. Reclus; dominará não só a eclosão da Geografia moderna mas um século dos seus progressos. Reinará de resto no conjunto do pensamento científico. Einstein escreveu: «Através de todos os nossos esforços, em cada luta dramática entre as concepções antigas e as concepções novas, reconhecemos a eterna aspiração de compreender, a crença sempre firme na harmonia do nosso mundo, continuamente reforçada pelos obstáculos que se opõem à nossa compreensão».

O biólogo Ramón y Cajal, criador da teoria da conexão entre os filamentos das células nervosas, pensava que a Natureza «constitui um mecanismo harmonioso, onde todas as peças, mesmo as que parecem desempenhar um papel acessório, tendem a criar um conjunto». Estamos no domínio da vida, um dos elementos da Natureza. O Homem, último escalão de uma «evolução criadora» (Bergson), escapará ao determinismo? Podemos duvidar disso. Contudo, antes mesmo de Vidal de La Blache ter criado a famosa fórmula «tudo o que respeita ao Homem está marcado pela contingência», o filósofo E. Boutroux tinha consagrado um livro à *Contingência das Leis da Natureza* (1874), no sentido inverso do positivismo então dominante; terreno de controvérsias ainda longe de estarem resolvidas.

4. A *organização* da matéria inerte ou viva apresenta com frequência estruturas geométricas: sistemas cristalinos dos minerais, hexágonos dos favos de

mel. As concepções de Geografia teórica, que se esforçam por introduzir ordem na massa dos factos observáveis em Geografia humana e por inventar uma espécie de logística dos espaços abstractos, inspiram-se visivelmente na regularidade dos fenómenos naturais.

Contudo, há hoje tendência para se limitar a expressão *organização do espaço* unicamente à Geografia humana. Mas os espaços naturais têm a sua fisionomia própria ou, por outras palavras, a sua organização. Nos Estados que se desdobram largamente em longitude e em latitude, como a Rússia e os Estados Unidos, distinguem-se «cintos» grosseiramente paralelos, onde o clima e os solos são favoráveis a determinados tipos de ocupação agrária: *corn belt*, *cotton belt*. Mesmo reconhecendo que «a Natureza é sempre a base e muitas vezes a condição dos factos humanos», P. Gourou diria que foi o Homem, e não a Natureza, que «escolheu»; mas o êxito de uma economia rural resulta da escolha bem adaptada às condições naturais que constituem o seu suporte...

Os registos por satélite mostram o contorno das terras e dos mares, as grandes massas de relevo, a disposição dos sistemas de nuvens, mas também as vastas planícies regadas, o mosaico das parcelas, as conurbações e grandes concentrações industriais. A esta escala, em que algumas obras humanas são ainda invisíveis, a Geografia física e a Geografia humana, tantas vezes lamentavelmente opostas no ensino e na iniciação à investigação, articulam-se e enredam-se estreitamente. A visão orbital repõe no seu lugar uma autêntica Geografia geral, pela imagem *global* que fornece (global, no sentido exacto da palavra em inglês, «do Globo», e não «visão de conjunto», segundo a deficiente transposição muitas vezes introduzida nas línguas românicas).

Se, na planície e nos litorais, as obras humanas podem por vezes obliterar a Natureza, esta continua a ser o elemento preponderante das paisagens de montanha onde determina a disposição vertical. A montanha muito elevada, com a sua atmosfera rarefeita, permanece fora da ecúmena; é mais repulsiva que a zona polar. Se há montanhas quase vazias, outras estão profundamente penetradas pelo homem. Tibetanos, Etíopes e Incas souberam criar civilizações de montanha, que continuaram entretanto ligadas às terras baixas por formas de circulação engenhosas. Na Europa, são os Alpes, o maciço mais vasto e o mais elevado, que se encontram, apesar disso, mais intensamente ocupados pelo homem, graças aos profundos vales modelados pelos glaciares quaternários e à intensa circulação resultante da situação central do maciço em relação àquele continente. Em nenhuma outra parte, o homem está tão estreitamente dependente das condições naturais; pode-se falar de «determinismo», uma das chaves (não a chave) da descrição e interpretação dos espaços geográficos. O homem pode nalguns casos modificar o jogo das forças físicas mas, na maior parte das vezes, adapta-se a elas alterando-as prudentemente, o que as valoriza ainda mais na paisagem. O arroteamento das florestas, a disposição das culturas em faixas com diferente altitude, a construção de terraços, regados ou não, a transumância, tudo isto só sublinha o ordenamento em «andares» da paisagem de montanha.

Em conclusão, qualquer paisagem está organizada e é a trama das regiões, concebidas como áreas de extensão de determinada paisagem, que constitui o objectivo último das investigações devidamente conduzidas pelos Geógrafos. Seria desejável que eles pudessem aplicar este método por toda a parte e insuflar o espírito da sua ciência nos projectos de divisão regional, ditos de «regionalização», e de organização humana do espaço. Mas as opções prioritárias são do domínio da política e da economia; podem trazer profundas transformações à paisagem, sobretudo nas periferias das grandes cidades em rápida expansão, que o geógrafo não pode nem deve negligenciar.

A «regionalização» em Portugal é um assunto polémico, já que as diferentes opções (faixas paralelas ao litoral, diferenciando o Portugal activo de um interior atrasado, ou zonas transversais, a facilitar a relação entre elas) não se acomodam nada à disposição das fisionomias regionais das paisagens.

O «planeamento», que atrai cada vez mais os jovens geógrafos, é uma opção perigosa porque os políticos, economistas e técnicos que encomendam estudos muitas vezes já decidiram antecipadamente o que esperam encontrar. O nosso campo de trabalho deve e continua a ser uma Geografia «não comprometida»; se a investigação fôr conduzida correctamente, será bem raro que os técnicos de planeamento não tirem dela proveito. (...)

5. A expressão *organização do espaço* sobrepôs-se no uso e tende a substituir a de *paisagem*. A poderosa civilização industrial parece dominar cada vez mais a Natureza, transformar, arredar ou aniquilar o espaço físico. Mas é a Natureza que continua a imprimir a cadência aos dias e às estações, a impor o horário de trabalho dos homens, o ritmo da produção e da criação de gado, o do consumo de energia na iluminação, no aquecimento e na climatização. (...)

Ratzel tinha razão quando ensinava que quanto mais o Homem avança na civilização, mais depende da Natureza. Os recursos energéticos desaparecem a olhos vistos. (...) A aviação comercial transporta num só dia o equivalente da população de uma cidade média; o crescimento demográfico derrama todos os anos no espaço terrestre mais habitantes que os de Estados como a Inglaterra ou a Itália. O esboço de uma evolução que parece irreversível inspirou a Vidal de La Blache melancólicas reflexões no limiar da *História da França* de Lavisse, publicada no começo do século XX: «Revoluções económicas como as que decorrem nos nossos dias imprimem uma agitação extraordinária na alma humana; movimentam uma multidão de desejos, de ambições novas; inspiram queixumes a uns, a outros quimeras. Mas esta perturbação não deve afastar-nos do cerne da questão. Quando uma ventania agita violentamente a superfície de águas muito límpidas, tudo vacila e se mistura; mas, ao cabo de um momento, a imagem do fundo desenha-se de novo. O estudo atento de tudo o que é fixo e permanente deve ser ou tornar-se mais do que nunca o nosso guia».

O mundo «desenvolvido» parece arredar cada vez mais a sua base natural. Muitos geógrafos pensam que devem consagrar essencialmente os seus esforços ao estudo dos princípios desta organização humana, para estabelecer as suas

leis (relações necessárias e portanto previsíveis) que permitiriam surpreender as linhas da evolução futura; muitos deles dedicam-se de preferência ao estudo das cidades e das redes que estas constituem. Mas o campo e os espaços quase naturais estão longe de terem desaparecido e a maior parte das grandes cidades que comandam a política e a economia mundiais são uma herança do passado: antigos portos de mar, antigas feiras, os seus sítios são determinados pelos factores físicos que facilitavam as comunicações ou que ofereciam vantagens defensivas. «O presente provém do passado», esta ideia era grata ao meu mestre Leite de Vasconcellos, o maior etnólogo português e um dos mestres europeus de uma ciência que procura fortalecer o seu caminho ainda incerto, após mais de um século em que é praticada.

Muito raras são as paisagens puramente naturais (...). Mas, em todo o lado, é a Natureza, mais ou menos carregada de trabalho humano, que forma o quadro das paisagens.